

LE BRETON, D. *Sociologie du risque*. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2012. 127 p.

Barbara Nascimento Duarte

Universidade Federal de Juiz de Fora/Université de Strasbourg, França
E-mail: barbara.duarte@ufjf.edu.br

David Le Breton é autor de uma extensa obra sobre antropologia e sociologia do corpo publicadas em diversos idiomas, membro e pesquisador do laboratório Cultures et Sociétés en Europe, professor na Universidade de Strasbourg e reconhecido como um dos maiores especialistas em estudos sobre o corpo, a dor, o sofrimento, os comportamentos de risco e extremos entre os jovens, entre outros. Recentemente, ele publicou, pela editora PUF, *Sociologie du risque*, obra que de forma ampla irá trazer discussões sobre a existência individual que, ao seu ver, consiste na constante tomada de riscos, refletindo nossa fragilidade física e psicológica. Além disso, ele irá ponderar também sobre os riscos contemporâneos que geram inquietudes sociais e que surgem devido ao avanço tecnológico.

No prefácio, o risco é apontado como uma consequência aleatória de uma situação que possui um prejuízo potencial e uma antecipação da catástrofe com concretude espaço-temporal ou social. Risco e incerteza são palavras-chave que pertencem a um mesmo domínio semântico e que são usadas frequentemente como sinônimos, todavia portam importantes diferenças. Uma delas é que a incerteza está quantificada no risco, que, por sua vez, é um perigo potencial gerado em certas circunstâncias voluntariamente produzidas. De forma geral, o grande quadro em que a questão do risco começa a ser delineada aborda as zonas de fratura da confiança e de fragilidades que surgiram

na sociedade, como a degradação do meio ambiente, a emergência da AIDS e os acidentes nucleares. Segundo o autor, foi a relativa e crescente perda de confiança no que tange às atividades sociais da sociedade contemporânea que compôs parte do grande quadro que deu início ao desenvolvimento de um novo ramo da sociologia – a do risco – nos anos de 1980, tentando lançar um novo olhar sobre a crescente inquietude das populações.

Discussões sobre a sociedade do risco já se tornaram banais e, geralmente, expressam o espírito de insegurança que domina nossa época. De um lado, há um saber próprio à sociologia do risco que tem sido constituído e focado nas questões políticas e sociais, nos conflitos de grupos, na vulnerabilidade social, nos comportamentos e nas representações dos atores, nos sistemas de precaução e de prevenção. De outro, uma sociologia na qual o aspecto inovador é sua relação com as condutas de risco nas jovens gerações, os significados das atividades que são engajadas individualmente e que travam um jogo, tanto real quanto simbólico, com a morte. Le Breton afirma que vivemos em um contexto cuja integração social é falha e o gosto pela vida não tem sido satisfeito nos indivíduos. Daí surge um espaço vazio na vida de muitos jovens que vão tentar extirpar o sofrimento experimentado e ressignificar a própria existência “colocando-se no mundo”, valendo-se de caminhos que forneçam a sensação de ter de volta a vida em suas próprias mãos. Mas foi no final dos anos de 1970 que as atividades físicas extremas conheceram um relativo sucesso devido a uma razão justamente oposta: o excesso de integração induziu a busca de intensidade, entretanto, o desejo de encontrar a plenitude existencial conservou-se. Nessas circunstâncias em que o risco e a busca de fortes sensações individuais são livremente escolhidos como resposta para a formação da identidade, a ambivalência vai se localizar na profunda preocupação política que envolve a redução de riscos de acidentes, de doenças e de catástrofes.

Le Breton observa ao longo do livro a urgência de considerar conceitos como precaução, prevenção e prudência. Ele perpassa nessa obra algumas questões muito pertinentes sobre a sociologia do risco – que tenta dar conta do espírito de incerteza da época – levando em

consideração quatro aspectos: 1) a perspectiva dos indivíduos; 2) a perspectiva da construção social; 3) a perspectiva da lógica global, ambiental e econômica; e 4) a perspectiva das condutas extremas.

No capítulo I, *O indivíduo precário: risco e cotidiano*, a reflexão gira em torno da relativa estabilidade de existência que compreende as sociedades ocidentais, em que o risco e a imprevisibilidade não somente fazem parte do cotidiano como são uma condição da existência humana. Para ser resguardado é necessário um aprendizado que busque a precaução e a proteção contra certos eventos ao longo da vida, uma vez que o dia a dia do indivíduo implica uma dialética entre prudência e risco, segurança e insegurança. O risco é visto habitualmente como algo negativo capaz de romper com um equilíbrio anterior, uma surpresa negativa que escapa ao controle ou é fruto de uma má escolha. Porém, em diversos momentos essa é uma escolha individual, capaz de redefinir a existência, como será abordado no último capítulo da obra. Além disso, há riscos que estão implicados em determinadas atividades profissionais exigindo do sujeito sua neutralização simbólica. No que concerne à experiência humana, ela oscilará sempre entre vulnerabilidade e segurança, risco e prudência, oportunidades e perdas.

A perda de referências coletivas oriundas do individualismo contemporâneo, assunto que Le Breton já tratou mais profundamente em outras publicações, é brevemente colocada em cena. Menos vinculado às antigas formas de solidariedade como a família, a condição social e o casamento, e vendo nessas antigas formas uma fonte de tensão, de dilemas e de questionamentos, um forte sentimento de insegurança assalta o indivíduo que não é mais capaz de se projetar no futuro de forma feliz – *o risco de tornou um fato da individualização*.

No capítulo II, *A construção social do risco*, a leitura é guiada para o risco como uma representação social que se altera na sociedade e no tempo e que traduz uma série de medos compartilhados coletivamente em maior ou em menor escala. A noção de risco implica em se separar de uma metafísica da existência e de não ver mais atrás dos eventos os rastros de uma divindade, mas sim um jogo de circunstâncias, a atuação dos indivíduos na natureza e na constituição do vínculo social. Logo, o viés de percepção do risco não é um fato concreto localizado

na consciência, mas uma representação sobre a qual os especialistas podem criar seus debates, em crenças que podem ser convergentes ou antagônicas. Então, falar sobre a existência de uma medida objetiva do risco, assim como a ciência moderna pressupõe ser possível, não passa de uma questão política e, sobretudo, fictícia. A percepção do risco se constitui a partir de um debate permanente entre os atores sociais que por sua vez possuem crenças e critérios distintos de avaliação.

O desenvolvimento da ciência coloca vários riscos em jogo, mas por ser geralmente vista por muitos como objetiva, realista, unificada e capaz de responder às probabilidades estabelecidas por ela mesma, é constantemente deixada de lado, como se estivesse situada fora da história e da cultura. Felizmente, a grande maioria de autores compartilha da noção da construção social do risco, assim sendo, a relação com ele dependerá da percepção dos atores, dos significados e dos valores que são operados durante as interações. Dessa forma, alguns riscos serão colocados em evidência enquanto outros não serão considerados como merecedores da mesma atenção, todas essas situações estarão relacionadas com circunstâncias bem precisas e com diversas variáveis.

Após a Segunda Guerra Mundial nossa sociedade conheceu uma segurança e, ao mesmo tempo, uma vigilância jamais experimentada até então. Paradoxalmente, ela não ficou imune às violações do meio ambiente e às catástrofes industriais. Por essa razão, no capítulo III, *As sociedades do risco*, o ponto central de reflexão vai se situar no termo que justifica o título do capítulo. Uma sociedade que produz inumeráveis (e frequentemente invisíveis) perigos que são indispensáveis para o desenvolvimento científico, econômico e industrial. Não vivemos em um mundo mais perigoso agora do que antes, a diferença está na questão do risco se situar agora no coração da existência individual e da sociedade. Além de ter assumido outro estatuto, sua virulência ampliou e vai dos menores riscos cotidianos aos de maior amplitude, como os tecnológicos.

Ambivalência é uma palavra essencial para ajudar a compreender os pontos levantados ao longo do livro. Vivemos e construímos uma sociedade mais desigual no plano das condições de existência, porém mais solidárias na questão do risco, nos quais os avanços tecnológicos

e científicos seguiram acompanhados da exposição de sua ameaça, transtornando nosso olhar. As crises enfrentadas na modernidade são produtos de suas vitórias. Hoje, o risco sobrepuja as fronteiras nacionais, relativiza as posições de classe, é causa e meio das mudanças sociais e, ao mesmo tempo, é acompanhado da vontade de controle e prevenção. Por essa razão é um dos motivos da crise de confiança que tange vários especialistas e está no centro dos debates públicos.

Há uma conotação pejorativa na palavra “prudência”. Ela está associada atualmente a uma atitude tímida ou à indisposição de se colocar em dificuldades para conseguir uma posição almejada. Apon-tando a necessidade de se mudar de perspectiva, Le Breton relembra que, no sentido grego de Aristóteles, a prudência não é uma oposição ao risco e sim uma tomada de atitude bem refletida, capaz de ponderar sobre os benefícios e os malefícios de cada ação. E a urgência em agir precavidamente, atualmente, é dada, sobretudo, por causa do desen-volvimento tecnológico que tem implicado a ameaça da já presente geração tanto quanto das futuras. Diante de tantas ameaças que temos vivenciado coletivamente, o autor vai partilhar da ideia da “heurística do medo”, proposta por H. Jonas, que trata de uma troca de escalas de responsabilidades que envolvem todo o planeta.

O autor considera necessária a adoção de um princípio de respon-sabilidade ou de precaução, a fim de deliberar sobre questões éticas de modo a considerar a situação atual e a que está por vir, avaliando as consequências espaciais e as temporais. Se a própria ciência aponta para riscos no desenvolvimento de suas várias atividades é então mais do que indispensável agir com prudência – no sentido de Aristóteles – e com responsabilidade em relação ao seu próprio avanço. Não é cabível levar adiante, a qualquer custo, todos os avanços tecnológicos e eco-nômicos, sob o risco de abirmos a caixa de Pandora, transformando a visão apocalíptica religiosa numa realidade criada pelo nosso desen-volvimento científico. Um novo clima moral para a política toma lugar e coloca na mudança dos valores culturais a responsabilidade central para a adequada avaliação do risco. O que não é dizer que, diante da ocorrência de uma mudança de postura em relação ao avanço cientí-fico e tecnológico, estaremos imunizados, pois muitos riscos já foram

desencadeados e suas consequências ficam em aberto caso nada seja feito. Foi pelas nossas próprias forças que adquirimos todos os meios de destruir o planeta, e agora é urgente mudar nossa forma de pensar.

A precaução é uma forma de pensamento e de ação que objetiva impedir os riscos antecipando a possibilidade de sua ocorrência. É também um princípio circunscrito por diversos interesses, como os políticos, os econômicos, os sociológicos e os filosóficos. Esses domínios visam redobrar a vigilância nas pesquisas científicas e na sua aplicação técnica diante das consequências previstas, mas que ainda não são identificadas no estado atual de conhecimento. É diferente da prevenção, prática das mais correntes diante dos danos que já conhecemos. O conhecimento é a base da modernidade reflexiva, nesse sentido, a precaução é capaz de ajudar a controlar as incertezas e os possíveis impactos gerados pelo desenvolvimento das pesquisas. Não se trata de um estado de espera e nem de tomá-la como princípio absoluto e mecânico, mas de operá-la com eficiência em diferentes contextos e de acordo com o peso das questões em jogo. Decididamente, Le Breton conclama a uma pesquisa ativa de conhecimento que vise reduzir as incertezas para a sociedade e que responda às questões levantadas pelas pesquisas científicas.

Por fim, no capítulo IV que é também a conclusão, *As paixões de risco*, a centralidade da reflexão recai na escolha individual pelo risco, percebida como ocasião para se colocar numa situação inédita. O risco livremente escolhido é uma “escola de caráter”, faz brotar uma intensidade existencial, afirma o autor. Porém, os trabalhos levados a cabo atualmente sobre a sociedade global do risco, nos termos de Becker, o colocam geralmente como um signo negativo, somente sob a égide dos perigos ligados ao “poder”, daí a importância da sociologia do risco não tradicional sublinhada nesse capítulo. Até então as análises têm deixado de lado a constatação do risco como uma paixão singular capaz de trazer de volta a existência entregue à dúvida, ao caos ou à monotonia.

Uma ampla parte desse capítulo é dedicada às atividades em que o risco é um ingrediente e não um fim em si mesmo, capaz de gerar o sentimento de força naqueles que persistem apesar dos grandes

obstáculos. A concretude dos elementos acentua o sentimento de si durante a prova autoimposta, e o indivíduo experimenta sua existência com uma força intensa, abrindo o caminho para se colocar novamente no mundo. A tese do autor é que, ao afrontar o que é por muitos visto como o pior, o sujeito espera converter seu medo e seu desgaste em determinação e caráter; tanto física, bem como simbolicamente, ele busca suas marcas e procura uma existência que em algum momento lhe escapou. Le Breton assinala essas atividades como a possibilidade de reencontro com o sabor da vida numa sociedade muito segura, uma busca individual numa sociedade em que viver parece não ser mais suficiente.

Para finalizar, o autor pontua que nas jovens gerações um grande número de atividades físicas prolonga de forma lúdica a busca real de condutas de risco; ainda que o ponto de partida seja de outra ordem em alguns adolescentes e as manifestações sejam variadas entre os gêneros, elas não se afastam muito das condutas de risco por meio do gosto de ir mais além através da demonstração de uma paixão pelo excesso. Na sociedade competitiva, cujo foco está no desempenho, as jovens gerações estão inclinadas a investir nas atividades chamadas de risco em que o alicerce é o jogo com o limite. Em outras palavras, a expressão “conduta de risco” vai reunir uma série de comportamentos díspares e extremos que coloca simbolicamente ou não a existência em perigo, fornecendo ao indivíduo a possibilidade de reapropriar sua própria existência.

Após fazer apontamentos estratégicos de diversos casos concretos sobre o risco da escala mais geral até a mais individual ao longo do livro, de ressaltar vários dilemas, ambivalências e desafios, o autor é capaz de mostrar as facetas positivas e negativas do risco, bem como sua importância política, econômica, jurídica e, inclusive, ética. O risco é uma encruzilhada na qual diversas polêmicas contemporâneas se encontram e ele não deixa ninguém indiferente. E mais, ele é inerente à vida na nossa sociedade.

Recebido em 21/05/2012

Aceito em 30/05/2012